

A VOLTA DE JOÃO ANTÔNIO

Diego Braga Norte*

Resumo: O artigo propõe uma reflexão sobre a obra do escritor João Antônio dentro da perspectiva analítica da “nova narrativa”, levantada por Antonio Candido em *Educação pela noite*. E, a partir dessa reflexão inicial, mostrar algumas características e recursos da “nova narrativa”.

Palavras-chave: Literatura; nova narrativa; linguagem.

João Antônio está de volta à cena. Na verdade, ele nunca saiu, apenas ficou dormente, digamos assim, por algum tempo, dentro da literatura brasileira. Não podemos afirmar que um escritor, tido por muitos críticos como um dos melhores do século XX no Brasil, tenha deixado a cena. João Antônio apenas está voltando a ocupar um espaço que sempre foi seu. Jovens escritores que estão agora ganhando reconhecimento – como Ferréz e Marçal Aquino (este nem tão jovem) – citam João Antônio como referência e influência dentro de seus trabalhos. A editora Cosac Naify acaba de relançar uma edição com prefácio de Antonio Candido, digna e necessária da obra-prima *Malagueta, perus e bacanaço*. O jornalista Mylton Severiano tem um livro sobre o autor no prelo, a sair pela editora Casa Amarela. E assim a obra do grande contista João Antônio vai retornando ao seu devido lugar. Aproveitando a retomada, esboçaremos um ensaio propondo uma reflexão da obra de João Antônio dentro do aparato crítico de Antonio Candido (1980) chamado “nova narrativa”.

Segundo Antonio Candido (1980), a nova narrativa caracterizou-se no início pelas “soluções antiacadêmicas” para acolher os “modos populares” (p.205).

* Jornalista (Unesp) e pós-graduando do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo.
E-mail: diego_norte@uol.com.br

Esse processo, ainda segundo Candido, tornava os autores “mais conscientes de sua contribuição ideológica e menos conscientes daquilo que na verdade traziam como renovação formal” (ibidem, p.205). O Modernismo deu o pontapé inicial e quebrou muitas convenções até então intocadas, temáticas e estéticas. A nova narrativa veio na esteira do Modernismo e ajudou a tirar o pó do movimento liderado por Mário de Andrade e Oswald de Andrade.

A “desliterarização”, o vocabulário popular, a sintaxe livre, a narrativa desarticulada e outros princípios “transgressores” tiveram seu início no Modernismo, mas de uma forma altamente estilizada, e também, por que não afirmar, elitizada. Essa linguagem nova, segundo Candido, veio a se tornar natural na produção ficcional brasileira, aberta a todos. A nova geração de escritores liquidou o velho regionalismo e revigorou o moderno romance urbano, livrando-o das recaídas frívolas e ingênuas que apareciam nas obras dos anos 10 e 20.

Após os anos 50, a nova narrativa começou a ganhar corpo; as obras que vieram antes, se, por um lado, tinham menos vigor, por outro, contribuíram, segundo Mário de Andrade, para “a consolidação da média”. Antonio Candido cita com muita propriedade exemplos contundentes de escritores e obras que se encaixam no que podemos afirmar ser a nova narrativa: Dalton Trevisan, Osman Lins, Fernando Sabino, Otto Lara Rezende, Lygia Fagundes Telles, entre outros.

Com o advento da ditadura, após o golpe de 1964, e a tenebrosa censura, instalada para coibir a sociedade civil, os autores “ganharam” um tema e um inimigo comum. Muitas obras tinham a ditadura e a repressão como pano de fundo. Metáforas e experimentalismos formais (lembrem-se que na época negra toda forma de transgressão era uma vitória) moldaram uma vanguarda estética na concepção da nova narrativa.

É também nesse período que a ficção recebe maciçamente – e aceita – o impacto do jornalismo na produção literária. A literatura experimental e renovadora, que viria depois a ditar o tom das décadas de 1960 e 1970, ganha espaço nos meios jornalísticos impressos (jornais, revistas e semanários). E não há como negar que o jornalismo e o fazer jornalístico acabaram por influenciar a produção literária nacional. João Antônio, entre muitos outros, é um excelente exemplo de jornalista-escritor, ou escritor-jornalista, que publicou dentro desse contexto.

Para Antonio Candido, a nova narrativa atinge tal ponto de ebulição estilística e temática que culmina em textos indefiníveis. Romances que parecem reportagens, prosa poética, colagens e uso de sinais gráficos para compor o texto; enfim, um caldeirão de técnicas e estilos, com um caldo que borbulhava e ganhava consistência à medida que a ditadura apertava o cerco e limitava a liberdade civil da sociedade brasileira.

Vamos nos atracar, porém, e nos ater apenas na obra de João Antônio. Este texto não pretende compreender toda a complexa e multifacetada nova narrativa, embora o esforço se faça extremamente necessário. Antonio Candido nos deu a orientação inicial, as asas; porém, os planos de vôos estão aí para quem quiser se arriscar. Há uma enxurrada (sem mais tsunamis, por favor) de possibilidades a serem exploradas a partir da luz acesa pelo crítico Antonio Candido.

ANTONIO VERSUS ANTÔNIO

Primeiramente, para fins contextuais, é válido ambientar o leitor com a vida do escritor e jornalista João Antônio. Nascido no ano de 1937 num subúrbio de São Paulo, João Antônio Ferreira Filho é oriundo de uma família pobre. Trabalhou como *office-boy*, almoxarife, trabalhou em fábricas, e deu aulas na Escola de Polícia antes de escolher as letras como profissão.

Em 1966, fez parte da equipe fundadora da saudosa revista *Realidade*. Como jornalista, trabalhou também na revista *Manchete*, no *Pasquim* e em diversos outros órgãos de imprensa alternativa. Mudou-se definitivamente para o Rio de Janeiro no tempestuoso ano de 1968. Lá permaneceu até o ano de sua morte, em 1996. Nesse período, também residiu em Berlim (1987-1989) e fez viagens pela Europa.

João Antônio nunca escondeu – pelo contrário, sempre explicitou – sua admiração pelo escritor Lima Barreto. A influência desse autor nas obras de João Antônio é marcante, e há ainda coincidências biográficas surpreendentes e intrigantes. Ambos tiveram origens humildes, ambos foram internados em sanatórios, ambos fugiram das luzes da fama, e ambos optaram pelo chamado submundo urbano. Fizeram uma clara escolha pela “gente miúda” ou, para usar termos mais atuais, escolheram o lado e as temáticas dos excluídos, das minorias.

Depois dessa rápida pincelada biográfica, entramos de fato na análise das obras. Escolhemos os contos *Frio* (Antônio, 1963), *Meninão do caixote e Paulinho Perna-Torta* (Antônio, 1980) para servir como base e objeto do nosso trabalho. Logo no primeiro contato com os contos, um dos aspectos que mais chamam a atenção é a linguagem utilizada por João Antônio. A forte oralidade é contundente. Intercalando expressões populares e outras criadas pelo próprio autor, os textos têm uma cadência urbana, ágil e pulsante. Apesar de intercalar frases curtas – às vezes com uma palavra apenas – e entrecortadas, o autor apresenta uma narrativa com bastante fluidez e ritmo vigoroso. Os diálogos são breves e diretos, trazendo não raramente vocabulário extraído das ruas, dos bares. Enfim, a linguagem escolhida por João Antônio apresenta algumas das principais características da nova narrativa elencadas por Antonio Candido. Um bom exemplo pode ser lido no trecho que segue:

Frio. Canseira. As casas enormes esguelhavam a Avenida muito larga. Pela Avenida Água Branca o menino preto ia encolhido. Só dez anos. No tênis furado entrando umidade. Os autos eram poucos, mas corriam, corriam aproveitando a descida longa. Tão firmes que pareciam homens. O menino ia só. (Antônio, 1963, p.271)

Ao contrário de muitos narradores que falam da pobreza às vezes do alto da torre, o narrador de João Antônio a assume e, com isso, dá voz ao objeto representado. O resultado final é uma forma que intersecciona dois tipos de representação da pobreza – do autor e do objeto – e que reproduz, simultaneamente, formas distintas de exploração. Provocadas por e dentro de um mesmo sistema de produção e distribuição. Os personagens dos contos, exploradores e explorados, aí, não escapam, sugam e são sugados, jogam e são jogados. Os únicos traços que os aproximam são o medo e a solidão; a que leva os “otários” às mesas de sinuca para perderem dinheiro, e a solidão dolorida do excluído. O medo aparece sempre através da ameaça que os personagens

representam aos “otários” e aos outros “malandros”. É um medo generalizado, dos personagens pelos outros e dos personagens por eles mesmos.

É notadamente assinalado que o autor demonstra uma predileção pela ação, porém não despreza as cenas descritivas. Como um cinegrafista com uma câmara na mão, ele acompanha os personagens e segue também nos descrevendo os ambientes internos e externos. Não se detém muito nas características físicas das personagens, a não ser quando essenciais para a composição e apresentação. Sendo assim, as descrições físicas não são tão ricas e presentes quanto as descrições das “locações”, por assim dizer.

Poderíamos, com o que foi dito anteriormente, traçar um paralelo com o Naturalismo, no melhor estilo de um Aluísio Azevedo, uma vez que João Antônio extrapola as descrições dos ambientes a tal ponto que chegam a se tornar sinestésicos, palpáveis. O calor, o frio, a chuva, os cheiros e as cores são narrados a partir de uma perspectiva sensorial dos personagens, ajudando o leitor a imaginar e sentir o ambiente e os anseios, criando assim uma proximidade e uma cumplicidade aflitiva e afetiva entre personagens e leitor. Essa proximidade que agride e também encanta o leitor é chamada por Candido (1980, p.209) de “realismo feroz”, sendo João Antônio e Rubem Fonseca seus maiores expoentes.

Dosando a composição espacial dos ambientes com algumas descrições físicas enxutas e pontuais, João Antônio abre espaço para talvez o ponto mais forte de sua prosa, o encadeamento de ações que ditam as histórias. O outro Antonio, o Candido, faz alusão ao “ritmo galopante da escrita” (ibidem, p.211) encontrada nos textos, fundindo o tempo da ação com o tempo do pensamento das personagens. Sendo essa uma maneira muito eficaz para aquilo que se propõe, “mostrar de maneira brutal a vida do crime e da prostituição” (ibidem). Ou, citando mais um termo usado por Candido, exercendo um “ultra-realismo” (ibidem). João Antônio mergulha com muita naturalidade no bojo das classes mais baixas e lá no fundo realiza suas narrativas sobre jogatina, crimes, mulheres “de vida fácil”, e uma intensa e diária luta pela sobrevivência. Os personagens de João Antônio não vivem: sobrevivem. No excerto a seguir podemos identificar algumas das características expostas anteriormente.

Onde lhe haviam dito aquilo? Não se lembrava, não se lembrava. Coitado do cachorro! Amassado, todo torto na Avenida. Também, os automóveis corriam tanto... Frio, o vento era bravo. Sentia ainda o gosto do leite. Onde diabo teria se enfiado Paraná? Ah, mas não haveria de meter o bico no embrulhinho branco! Nem Nora. Muito importante. Paraná é que sabia, Nora não. Um arrepio. Que frio danado! Entrava nos ossos. Embrulhou-se ainda mais no casacão e na manta. Fome, mas não era muito forte. (Antônio, 1963, p.271)

Outro aspecto presente nos contos escolhidos que se enquadra nos pressupostos da nova narrativa é a estrutura das histórias. A linha narrativa não segue necessariamente uma seqüência cronológica, saltos temporais são freqüentes. Quanto a essa não-linearidade cronológica das histórias, à fragmentação proposital das narrativas, aos cortes temporais que o autor utiliza para editar seus textos, podemos dizer que essa escolha não compromete o entendimento, pois o recurso predominante em João Antônio é o *flash-back* e não a colagem de cenas aleatórias. Ou seja, há uma ordem, há um esquema predefinido por um apuro e um domínio técnicos.

Os três contos selecionados apresentam uma ordem cronológica fora dos padrões naturais do decorrer do tempo, com passado, presente e futuro desordenadamente definidos. Para não confundir o leitor e não comprometer o entendimento, os textos apresentam sinais gráficos que identificam mudanças de cena e/ou mudanças temporais. Asteriscos aparecem para denotar e identificar as passagens. Uma cena muito próxima do final, ou, então, o final propriamente dito, abre os três contos. Só depois dessa abertura é que o autor faz um recuo e começa a contar como a história se encaminhou até seu desfecho. As memórias dos personagens são resgatadas de uma maneira que ajuda a compor a história. As lembranças e memórias dão corpo à espinha dorsal da narrativa. Como já foi anteriormente dito, essas lembranças são narradas concomitantemente com as ações, e isso não compromete o fim de uma coisa e o início de outra.

Apesar do clima pesado dominante nas três narrativas, seja pela posição social delicada das personagens seja pela dificuldade – física, financeira ou existencial – que elas atravessam, os contos ainda conservam uma faísca otimista. Essa faísca e esse vislumbre otimista podem ser notados e interpretados pela jovem idade dos protagonistas (como no caso dos personagens de *Frio e Meninão do caixote*), que chegam ao final de suas histórias ainda novos, e o autor não deixa claro que caminhos futuros eles vão eventualmente seguir, abrindo brecha para as mais variadas especulações dos leitores. Em ambos os contos citados nota-se um descontentamento dos protagonistas em relação à vida que estão levando.

No *Meninão do caixote*, aliás, há um final marcado por uma busca de mudança, pois o protagonista abandona o vício, os jogos de sinuca, e sai caminhando de mãos dadas com sua mãe sob um sol de domingo promissor, numa atitude que sugere algo mais positivo e otimista. Já no conto *Paulinho Perna-Torta*, o protagonista é um malandro irremediável; apesar dos reveses que a vida lhe aplica, ele não aparenta estar tentado a abandonar sua condição. Chega a afirmar, no final da história, que só pára com a vida bandida se for preso ou morto. E mesmo assim, a empatia que o protagonista desperta carrega algo de otimismo e boa sorte, nem que seja sorte na bandidagem.

Uma vez já afirmado por Antonio Candido que a obra de João Antônio é sim representante da tendência e caracterização chamada de nova narrativa, fica muito difícil discordar. E discordar dos fatos não era o intuito da reflexão proposta aqui. Portanto, o enfoque adotado foi uma tentativa de localizar e identificar justificativas temáticas, técnicas e estruturais que incluem a obra de João Antônio dentro dessa nova seara literária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTÔNIO, J. *Malagueta, perus e bacanaço*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

_____. *Literatura comentada*. São Paulo: Ática, 1980.

CANDIDO, A. A nova narrativa. In: _____. *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1980. p.199-215.

_____. A dialética da malandragem. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* (São Paulo), n.8, 1970.

_____. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000.

ARTIGOS

NORTE, D. B. The return of João Antônio. *Todas as Letras G* (São Paulo), ano 7, n.7, p.11-16, edição especial, 2005

Abstract: *This paper aims at a reflection on João Antônio's works from the analytical perspective of the New Narrative, proposed by Antonio Candido in Educação pela noite. It also aims to show some characteristics and resources of the New Narrative.*

Keywords: *Literature; new narrative; language.*